

OS PRONOMES PESSOAIS EM POSIÇÃO DE SUJEITO EM ESPANHOL E PORTUGUÊS: CONSIDERAÇÕES GERAIS

Personal pronouns in subject position in Spanish and Portuguese: general considerations

Renata Maria de BARROS (Faculdade de Tecnologia de Carapicuíba, Carapicuíba, São Paulo, Brasil)

RESUMO: *Este estudo discorre brevemente sobre os pronomes pessoais em função de sujeito em espanhol e português a partir de um ponto de vista funcional e das contribuições teóricas do modelo da Análise Contrastiva e da Análise de Erros. Sabendo-se que a transferência da língua materna constitui-se, inúmeras vezes, em uma estratégia de aprendizagem de qualquer estudante de língua estrangeira, acreditamos que é importante, no processo de ensino e aprendizagem do espanhol a falantes do português brasileiro, chamar a atenção para algumas das principais diferenças entre as línguas e as prováveis áreas de equívocos entre ambas, com o objetivo de contribuir para um processo de aquisição e aprendizagem mais efetivo.*

PALAVRAS-CHAVE: Análise Contrastiva; Ensino-aprendizagem; Pronomes pessoais

ABSTRACT: *This study briefly discusses personal pronouns as a function of subject in Spanish and Portuguese from a functional point of view and from the theoretical contributions of the Contrastive Analysis and Error Analysis model. Knowing that the transfer of the mother tongue is, several times, a learning strategy of any foreign language student, we believe that it is important, in the process of teaching and learning Spanish to speak Brazilian Portuguese, to draw attention for some of the main differences between these languages and probable areas of misunderstanding between both, with the aim of contributing to a more effective acquisition and learning process.*

KEYWORDS: Contrastive Analysis; Teaching-learning; Personal pronouns

1 Introdução

Este trabalho pretende apresentar, sucintamente, a categoria dos pronomes pessoais em posição de sujeito em espanhol e português¹, considerando suas divergências, de modo a apontar alguns pontos que merecem ser examinados com mais cuidado pelo aprendiz brasileiro de espanhol, bem como pelo professor preocupado com prováveis dificuldades que podem ter os seus estudantes na aprendizagem deste tema.

¹ Neste trabalho faremos referência às normas culta e coloquial do português brasileiro – uma vez que há diferenças significativas entre o uso dos pronomes pessoais no Brasil e em Portugal – e à norma culta do espanhol da Espanha.

Baseamo-nos nas contribuições do modelo teórico da Análise Contrastiva e da Análise de Erros² para examinarmos tal área linguística, ou seja, tratamos de comparar os pronomes em português e espanhol, estudando alguns itens mais cuidadosamente, não somente por serem diferentes na língua materna do estudante³, mas também por apresentarem-se como áreas passíveis de erros.⁴ Dessa forma, pretendemos elaborar um pequeno mapa de prováveis problemas que podem ter um aprendiz ao estudar tal categoria.

Por fim, apresentamos nossas considerações finais sobre o assunto a fim de sucintamente o interesse do leitor por futuras pesquisas, uma vez que esta é uma área ampla, na qual podemos aprofundar-nos e especificarmos melhor as peculiaridades dos idiomas estudados.

2 Considerações gerais sobre a AC e AE

A AC, a AE e a Interlíngua (I)⁵ constituem os modelos de pesquisa que melhor explicitam a Linguística Contrastiva⁶ (GARGALLO, 1993, p. 16) e esta, por sua vez, é uma subárea da Linguística Aplicada⁷. Segundo Gargallo (1993, p. 21), a LA é uma disciplina científica que se apoia nos conhecimentos que a Linguística Teórica oferece sobre a linguagem e o seu objetivo principal é a resolução de problemas práticos. Assim, é uma excelente fonte de auxílio para os professores de línguas estrangeiras uma vez que trata de questões referentes à aquisição e à aprendizagem de línguas, à análise de materiais etc. Sobre esse caráter prático da LA, Vez Jeremías (1984, p. 18) afirma:

Consequentemente, a LA implica hoje, mais que nunca, o fomento de estudos especiais baseados nos fatos linguísticos - entre eles a sistematização de fatos concretos - a fim de poder utilizá-los diretamente para a finalidade que se pretenda...⁸

Além de prática, a LA é interdisciplinar, pois engloba diversos campos de pesquisa, como a Psicolinguística, a Etnolinguística e a Sociolinguística. Não obstante,

² Doravante AC e AE respectivamente.

³ Entenda-se por língua materna (LM) a primeira língua que aprendeu o estudante, em nosso caso, o português brasileiro.

⁴ É preciso esclarecer que tais áreas consideradas passíveis de erros não foram escolhidas ao acaso, mas a partir de resultados obtidos em trabalhos de investigações anteriores sobre o assunto, tais como o de GONZÁLEZ (1994), DURAO (1999, 2001), entre outros, e a partir de nossa experiência como docente e investigadora na área de espanhol como língua estrangeira.

⁵ Não nos aprofundaremos no modelo da Interlíngua, porém, vale saber que, de forma geral, entende-se por ela o sistema linguístico do aprendiz em direção à língua alvo, à língua estrangeira que está aprendendo. Tal sistema é particular a cada estudante, mesmo que um grupo possa apresentar características parecidas, elementos comuns.

⁶ Doravante LC.

⁷ Doravante LA.

⁸ En consecuencia, la LA implica hoy, más que nunca, el fomento de estudios especiales basados en los hechos lingüísticos - entre ellos la sistematización de hechos concretos - a fin de poder utilizarlos directamente para la finalidad que se pretenda...

segundo Gargallo (1993, p. 23), apesar da diversidade de temas abordados por essa metodologia, a aprendizagem e o ensino de uma segunda língua - que se inserem no campo da Psicolinguística - constituem a área de estudo mais importante.

A LC, termo dado por Trager (1949, *apud* GARGALLO, 1993, p. 27), considera as áreas conflitivas de duas línguas, interessando-se pelos efeitos que as diferenças existentes entre a estrutura da LM e da língua meta⁹ produzem na aprendizagem da língua estrangeira¹⁰. Tratamos mais especificamente da LC prática, que busca tanto as diferenças quanto as semelhanças de pares de línguas com o objetivo de aplicar os resultados dessa investigação no ensino-aprendizagem de idiomas. Por questões de recorte, trataremos mais das diferenças que das semelhanças a não ser que estas últimas apresentem algum problema de compreensão por parte dos estudantes. A orientação investigativa desta disciplina cristalizou-se, como mencionado, em três modelos de análise: AC, AE e I.

Atualmente, de forma geral, esses três modelos são trabalhados em conjunto, ou seja, estuda-se inicialmente a interlíngua do estudante, encontrando os seus erros, para chegar à conclusão de que alguns deles são interlinguísticos, ou seja, relacionados à sua LM ou a outra língua que esteja aprendendo ou tenha aprendido. A partir de então, realiza-se uma análise contrastiva de tais línguas para explicar os erros – suas origens, estratégias utilizadas pelos estudantes ao cometê-los etc.

A AC, em sua versão tradicional, propunha a comparação sistemática de duas línguas (a LM e a LE do aprendiz) objetivando prever os erros que seriam cometidos. Esta seria conhecida como a versão forte da AC (Cf. WARDHAUGH, 1970), tendo seu auge nos anos cinquenta, e principais representantes teóricos os pesquisadores Fries (1945) e Lado (1957). Entretanto, posteriormente, consolidou-se uma versão fraca, que se preocupava com a análise dos erros depois de ocorridos. Esta deu origem a AE, cujo principal representante foi Corder (1992). Este estudioso acredita que os erros são necessários ao processo de aquisição da língua estrangeira e revelam muito sobre o que deve ser estudado na competência transitória – Interlíngua – do falante. Assim sendo, o estudo das produções dos alunos deve basear-se nos seguintes passos conforme Corder (1992, p. 72-73)¹¹:

1. reconhecimento da idiosincrasia, ou seja, identificação dos erros em seu contexto, para ter-se certeza de que se trata de um erro e não de um estilo específico, por exemplo.
2. entendimento desse dialeto idiosincrático, descrevendo-o.
3. explicação, buscando-se nos mecanismos ou estratégias psicolinguísticas e nas fontes de cada erro, ou seja, o porquê de cada

⁹ Neste estudo, entenda-se “língua meta” como sinônimo de “língua estrangeira”.

¹⁰ Doravante LE.

¹¹ Este trabalho de Corder, divulgado originalmente em 1971, encontra-se publicado na íntegra em Licerias (1992, pp. 63-77).

erro (nesse momento entra a interferência¹² da LM como uma estratégia de aprendizagem a mais).

Explicitado o que se entende por AC e AE, passemos ao estudo contrastivo dos pronomes pessoais em português e espanhol e à discussão de alguns possíveis erros que cometem ou podem cometer os estudantes brasileiros de espanhol a partir do modelo de análise adotado.

3 Os pronomes pessoais em espanhol e em português

No latim, as funções sintáticas das palavras são expressas por casos, denominados nominativo, acusativo, dativo, genitivo, vocativo e ablativo. As palavras apresentam terminações específicas dependendo da função que assumem, o que possibilita ocuparem qualquer lugar na oração, uma vez que se garante o reconhecimento da sua classificação, ou seja, sabe-se que palavra exerce a função de sujeito, complemento direto, complemento indireto etc., independentemente da posição que ocupa na oração.

Na passagem às línguas românicas – e aqui nos deteremos no espanhol e no português – não se mantiveram as desinências presentes nos casos latinos e, assim, a ordem dos constituintes das orações tornou-se mais fixa. As funções exercidas pelos constituintes passaram, portanto, a ser reconhecidas principalmente pela posição que ocupam na oração ou pela ajuda de preposições. Assim, por exemplo, na frase em espanhol: *Juan vio a María*, sabe-se que *Juan* é o sujeito pela ordem que assume na oração – primeira posição em um sistema SVO¹³ - e em contraposição *a María*, sintagma acompanhado por uma preposição.

No que se refere especificamente aos pronomes, a língua espanhola configurou-os da seguinte maneira (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 1979, p. 204):

Tabela 1: Pronomes em espanhol

| | | | Caso nominativo | Caso Preposicional | Caso acusativo | Caso dativo |
|----------------|-------|----------------------|------------------------------------|--------------------|----------------|-------------|
| 1 ^a | Sing. | | <i>yo</i> | <i>mí, conmigo</i> | <i>me</i> | |
| | Pl. | Masculino e feminino | <i>nosotros</i> <i>nosotras</i> | | <i>nos</i> | |
| 2 ^a | Sing. | | <i>tú</i> ¹⁴ | <i>tí, contigo</i> | <i>te</i> | |

¹² A transferência negativa ou interferência ocorre quando as estruturas emitidas pelo falante são provenientes da LM, mas o seu uso não coincide na LE. Por outro lado, ocorre a transferência positiva quando essa transferência não acarreta erro, ou seja, quando o uso da estrutura em questão coincide nas duas línguas (FERNÁNDEZ, 1997, p.15).

¹³ SVO = Sujeito/Verbo/Objeto.

¹⁴ Lembramos que em alguns países (como Argentina e Uruguai e em grande parte do Paraguai, Guatemala, El Salvador e Nicarágua e em certas regiões do Chile, Peru, Bolívia, Equador, Venezuela,

| | | | | | |
|----------------------|--------------|------------------------------------|--|--|--|
| | Pl. | Masculino e feminino | <i>vosotros</i> ¹⁵ <i>vosotras</i> | <i>os</i> | |
| 3^a | Sing. | Masculino, feminino e neutro | <i>él</i> <i>ella</i> <i>ello</i> | <i>lo (le)</i> <i>la</i> <i>lo</i> | <i>le, se</i> <i>le (la), se</i> <i>le, se</i> |
| | Pl. | Masculino e feminino | <i>ellos</i> <i>ellas</i> | <i>los (les)</i> <i>las</i> | <i>les, se</i> <i>les (las),</i> <i>se</i> |

Formas acentuadas

Formas inacentuadas

No português, temos a seguinte configuração (CUNHA, 1985, p.270):

Tabela 2: Pronomes em português

| Pronomes pessoais retos | Pronomes pessoais oblíquos não reflexivos | |
|-------------------------|---|----------------|
| | Formas átonas | Formas tônicas |
| eu | me | mim, comigo |
| tu ¹⁶ | te | tí, contigo |
| ele, ela | o, a, lhe | ele, ela |
| nós | nos | nós, conosco |
| vós ¹⁷ | vos | vós, convosco |
| eles, elas | os, as, lhes | eles, elas |

Tais quadros e as observações a eles inerentes nos permitem visualizar melhor os pronomes que podem assumir função de sujeito em espanhol e português

México, Cuba e Panamá) também se utiliza a forma *vos* como tratamento informal para a segunda pessoa do singular no caso nominativo. Além disso, tanto na Hispanoamérica quanto na Espanha, utiliza-se a forma *usted* para o tratamento formal da segunda pessoa do singular. Os verbos e pronomes utilizados com esta forma são os referentes à terceira pessoa do singular. Não nos aprofundaremos nesta questão por não ser relevante neste trabalho.

¹⁵ É importante lembrar também que a forma *ustedes* configura-se como um pronome de tratamento de segunda pessoa do plural, embora as formas verbais e pronominais que o acompanham sejam de terceira pessoa, como em: *Ustedes van a viajar mañana*, *Ustedes se duchan dos veces al día*. Em português, são possíveis as traduções: “Vocês vão viajar amanhã”, “Vocês tomam banho todos os dias” e “Os senhores/As senhoras vão viajar amanhã”, “Os senhores/As senhoras tomam banho todos os dias”, posto que a forma *ustedes* exerce a função de tratamento formal e informal na Hispanoamérica. Em contrapartida, na Espanha, exerce somente a função de tratamento formal, pois a forma *vosotros/as* é usada no tratamento informal neste país.

¹⁶ É importante salientar que no português brasileiro não está estendida a utilização das formas “tu” (somente em algumas regiões) e “vós”. Em lugar delas, encontraremos, respectivamente: “você” e “vocês”. Além disso, para um tratamento formal, também utilizamos as seguintes formas: “o senhor”, “a senhora”.

¹⁷ No português brasileiro usual, utilizamos “vocês” no lugar de vós. Para tratamento formal no plural existem as formas: “os senhores” e “as senhoras”.

respectivamente: “yo, tú, vos, usted, él, ella, ello, nosotros, vosotros, ustedes, ellas, ellos” e “eu, tu, você, o senhor, a senhora, ele, ela, nós, vós, vocês, os senhores, as senhoras, eles, elas”.

Passemos, pois, a estudar mais detalhadamente, certas particularidades de alguns desses pronomes em ambos os idiomas.

3.1 Sobre os pronomes pessoais em função de sujeito

Podemos dizer, grosso modo, que tanto em espanhol quanto em português, não se utiliza, ou pelo menos, não seria necessário utilizar o pronome sujeito explícito na oração, uma vez que, através do próprio paradigma verbal, é possível reconhecê-lo, tal como podemos constatar em:

Vamos al teatro. (espanhol)

Vamos ao teatro. (português)

Entretanto, o português brasileiro vem passando por modificações no que diz respeito a esta questão. Verifica-se que há uma tendência muito maior em colocar o pronome sujeito na oração do que ocorre em espanhol. Por outro lado, conforme apresentaremos posteriormente, em português, utilizam-se muito menos os pronomes complemento¹⁸, fato a que González (1994) refere-se como um processo assimétrico.

Em espanhol utiliza-se o pronome sujeito nas seguintes situações:

a) Quando há ambiguidades:

Ella estaba muy triste, mientras yo estaba muy alegre.

b) Quando há vários sujeitos:

María y yo vamos al cine.

c) Em estruturas comparativas em que há elipse de alguma forma verbal, a qual indicaria o sujeito:

Jorge es más alto que nosotros.

d) Para dar ênfase:

Yo soy el jefe aquí.

Note-se, neste último exemplo que, discursivamente, é como se o faltante dissesse: “**eu** sou o chefe e não você ou não ele”.

No português culto, de forma geral, o uso dos pronomes sujeito seria muito semelhante, isto é, também os omitiríamos quando o verbo já os indicasse, colocando-os apenas quando houvesse ambiguidade, quiséssemos enfatizar, chamar a atenção para a

¹⁸ Pronomes que podem assumir função de objeto direto ou indireto.

pessoa do sujeito ou para opor duas pessoas na oração, tal como indicam exemplos citados por Cunha (1985):

Sim! **Tu** sabes ligarme a todos os teus crimes. (CASTRO ALVES, 1979, *apud* CUNHA, 1985, p. 275)

Eu calo-me – **tu** descantas,

Eu rojo – **tu** te levantas,

Tu és livre – escrava **eu** sou!.... (CASTRO ALVES, 1979, *apud* CUNHA, 1985 p. 276)

É preciso que **eu** repita o que **ele** disse? (CASTRO ALVES, 1979, *apud* CUNHA, 1985 p. 276)

No entanto, na linguagem coloquial, principalmente falada, tal como indicam estudos como os de Galves (1997) e González (1994), os falantes do português brasileiro tendem a preencher muito mais a função de sujeito, ainda que não haja a intenção de reforço ou ênfase. São comuns frases como:

Eu vou ao cinema.

Ele vai ao shopping.

A gente vai ao shopping.¹⁹

Dessa forma, esta parece ser uma área de provável dificuldade para o brasileiro aprendiz de espanhol, uma vez que estudos mostram que estudantes brasileiros deste idioma tendem a colocar o pronome sujeito quando, em espanhol, não seria necessário, cometendo um erro de redundância e provocando um efeito de sentido discursivo diverso ao intencionado. Por exemplo, em um discurso em que o falante tende a colocar constantemente o pronome singular referente à primeira pessoa *yo*, pode dar a entender que é uma pessoa egocêntrica ou que a todo momento deseja enfatizar os seus feitos frente aos de seus interlocutores. Ao deparar-se com orações como *Yo estudio inglés*, *Yo viajo a Europa*, *Yo tengo un coche*²⁰ o ouvinte é levado a pensar que o falante quer destacar-se, enfatizando o que tem ou o que fez. Tal fato, obviamente, pode causar um desconforto à situação e às relações ou, minimamente, uma sensação de estranheza no ouvinte.

¹⁹ Note-se que nas últimas duas orações, o paradigma verbal é o mesmo. Isso pode explicar a presença do sujeito, porque não havendo a sua explicitação, poderia haver ambiguidades. Podemos citar ainda as seguintes orações, consideradas inapropriadas na linguagem culta, porém correntes no registro coloquial de alguns grupos sociais: “**Nós vai** ao cinema” e “**Eles vai** ao cinema”. A forma “vai” está sendo utilizada para acompanhar vários pronomes sujeito: “ele”, “a gente”, “nós” e “eles”. Assim, há uma maior necessidade deles, uma vez que nessas orações, não seria possível identificá-los somente pelo paradigma verbal.

²⁰ “Eu estudo inglês”, “Eu viajei à Europa” e “Eu tenho um carro” respectivamente.

TOMAZINI (1999, p. 66)²¹expõe alguns exemplos emitidos por estudantes brasileiros:

Yo vivía en una ciudad llamada Assis (...) Yo fui hasta la casa de mi abuela....

Tal como podemos constatar, os erros ou “estranhezas” das quais nos ocupamos estão comprovados também por várias outras pesquisas.

3.2 Uso de *usted* e *ustedes*

Em espanhol não há um uso uniforme quanto ao tratamento formal ou informal. Grosso modo, nos tratamos informalmente com alguma pessoa, quando a conhecemos e temos mais familiaridade com ela e, formalmente, quando não há familiaridade, mas sim uma necessidade de maior cortesia e respeito. Na Espanha, podemos ilustrar o assunto assim:

Tabela 3: Formas de tratamento na Espanha

| | INFORMAL | FORMAL |
|------------------------------|--------------------------|----------------|
| 2ª pessoa do singular | <i>tú</i> | <i>usted</i> |
| 2ª pessoa do plural | <i>vosotros/vosotras</i> | <i>ustedes</i> |

Entretanto, na América espanhola e Ilhas Canárias o quadro seria outro:

Tabela 4: Formas de tratamento na América espanhola e Ilhas Canárias

| | INFORMAL | FORMAL |
|------------------------------|-----------------|----------------|
| 2ª pessoa do singular | <i>tú</i> | <i>usted</i> |
| 2ª pessoa do plural | <i>ustedes</i> | <i>ustedes</i> |

Na América espanhola e nas Ilhas Canárias, a forma *ustedes* seria usada tanto com pessoas com quem temos muita familiaridade quanto com pessoas que não conhecemos muito bem ou com quem queremos demonstrar mais respeito e/ou distância.

Entender e adotar essa diferença já constitui uma dificuldade em si para alguns estudantes. Contudo, há outros problemas concernentes a esta área que merecem ser

²¹ Esta pesquisadora estudou alguns erros de estudantes brasileiros de espanhol a partir de um *corpus* composto por produções escritas de estudantes de Letras e Tradução.

repensados. Um deles é o uso da segunda pessoa do singular, *tú*²², em contraposição ao “tu e você” do português. Em primeiro lugar, em português, muitas vezes se usa o pronome “você”, correspondente à segunda pessoa do singular, com verbos conjugados na terceira pessoa e com pronomes átonos correspondentes à forma “tu”, tal como se pode constatar em: Eu **te** vi ontem. **Você estava** no shopping.

Tal uso não ocorre em espanhol, pois o pronome *tú* deverá ser utilizado com os verbos conjugados na segunda pessoa do singular:

Te vi ayer. Estabas en el centro comercial.

Outra particularidade está no próprio conceito de formalidade e informalidade nas duas culturas. Nem sempre quando em espanhol se utilizaria *usted*, a tradução seria “o senhor” ou a “senhora”. Em ocasiões, no Brasil, “você” pode ser utilizado tanto com pessoas com quem temos muita familiaridade quanto com pessoas com as quais não temos intimidade ou até pessoas mais velhas, posto que em nossa cultura, ser tratado de “o senhor” e suas respectivas variações pode ser considerado ofensivo.²³

Porém, o maior problema parece ser a troca de *usted* ou *ustedes* em situações formais pelo emprego de *el señor*, *la señora*, *los señores* e *las señoras*, cujos correspondentes formais - mas nem sempre semânticos - em português são: “o senhor”, “a senhora”, “os senhores” e “as senhoras”.

Dessa forma, como em português utilizamos “o senhor”, “a senhora”, “os senhores” e “as senhoras” como tratamento formal, o estudante pode utilizar diretamente as formas *el señor*, *la señora*, *los señores* e *las señoras*, acreditando que se referem a uma segunda pessoa. Como exemplo, poderia traduzir a oração “Como o sr. se chama?” por *¿Cómo el señor se llama?*²⁴. Na realidade, as formas *el señor*, *la señora*, *los señores* e *las señoras*, são utilizadas como referência a uma terceira pessoa e não para tratar a um interlocutor:

*El señor Rodríguez va a llegar pronto*²⁵.

La señora García quiere sentarse.²⁶

Neste caso, a tradução correta para “Como o sr. se chama?” seria: *¿Cómo se llama usted?*

²² Não trataremos do uso do pronome *vos*, nem das dificuldades a ele relacionadas por questões de recorte do estudo.

²³ É possível encontrar falantes que, ao serem tratados de “senhor”, “senhora”, retrucam dizendo que “o senhor” ou “a senhora” “está no céu” e que eles não são tão velhos assim. Portanto, podemos afirmar que o uso desses pronomes está tomando caminhos diversos, sendo utilizados principalmente com pessoas mais velhas.

²⁴ Neste caso o efeito de sentido seria diferente do desejado. Com esta oração o falante estaria perguntando como se chama uma terceira pessoa – de quem se fala – e não sobre a segunda pessoa – com quem se fala.

²⁵ Tradução: “O sr. Rodríguez vai chegar logo”.

²⁶ Tradução: “A sra. Garcia quer sentar-se”.

A forma *señor* e suas variantes (sem artigo) poderiam ser utilizadas como vocativo para uma segunda pessoa formal:

*Señor Rodríguez, ¿quiere (usted) sentarse?*²⁷

*Señora García, pase (usted) por aquí por favor.*²⁸

Somente utilizamos tais formas com o artigo quando nos referimos a uma terceira pessoa, como em:

*El sr. Rodríguez es mi abogado.*²⁹

Ou quando nos dirigimos a uma segunda pessoa para identificá-la:

*¿Es usted el sr. García?*³⁰ (Esta última oração seria semelhante a: *¿Es usted Don José García?*³¹)

*¿Es usted la sra. Santos?*³²

Como podemos constatar, a compreensão do uso de *usted* em espanhol por falantes do português brasileiro nem sempre é tão simples como pode parecer à primeira vista. É necessário focar em pequenos detalhes para que a interferência com a LM não prejudique a comunicação. Verificamos na oração *¿Cómo el señor se llama?* que a adição de um artigo *-el-* pode provocar um efeito de sentido bem diferente do almejado pelo falante. Por tudo isso, reiteramos a importância de chamar-se a atenção para essas pequenas diferenças, uma vez que não se trata de fixar-se no ensino da gramática em si, mas aos efeitos de sentido que o uso de uma forma ou outra pode causar ao discurso.

3.3 Uso de *él/ ellos, ella/ellas* e *ello*

Outra provável dificuldade de estudantes brasileiros é o uso de *él* - 3ª pessoa do singular. Talvez porque o seu plural seja *ellos*, os estudantes tendem a pensar que a terceira pessoa do singular corresponde a *ello*. Por sua vez, a forma *ello* existe em espanhol, porém com a função de neutro. Assim, não somente o aluno deve aprender que *ello* não corresponde ao singular de *ellos*, como tem de aprender a utilizá-lo nas devidas ocasiões. A forma *ello* não é utilizada para designar pessoas, mas um conjunto de coisas ou idéias. Pode ser substituída pelo pronome demonstrativo *eso*:

²⁷ Em português: “Sr. Rodriguez, o sr. quer se sentar?” Ou: “Seu Rodriguez, o sr. quer se sentar?”

²⁸ Tradução: “Senhora Garcia, passe por aqui, por favor.”

²⁹ Tradução: “O sr. Rodríguez é o meu advogado.” / “O seu Rodríguez é o meu advogado”.

³⁰ Tradução: “O senhor é o sr. García?” / “O senhor é o seu García?”

³¹ Tradução: “O senhor é o sr. José García?” ou “O sr. é o seu José García?”

³² Tradução. “A senhora é a sra. Santos?”

Ello es más convincente para mí. = *Eso es más convincente para mí.*
(HERMOSO, 2005, p. 52)

Portanto, uma oração como a seguinte seria incorreta em espanhol:

*Ello es el profesor de inglés*³³.

A oração correta seria:

Él es el profesor de inglés.

Entretanto, a forma *ellos*, como já comentamos, é a correta:

Ellos son los profesores de inglés.

O estudante pode confundir-se também, ao fazer a associação com a forma feminina que, para obter-se seu plural, basta acrescentar o *s*:

Ella es profesora de inglés.

Ellas son profesoras de inglés.

Assim, pode pensar que como a forma plural do pronome masculino é *Ellos*, assim como a feminina, bastaria retirar o *s* para obter-se a forma no singular.

4 Considerações Finais

Esperamos haver esclarecido algumas particularidades com relação aos pronomes pessoais em posição de sujeito no espanhol e no português. Nossa intenção não foi esgotar o assunto, mas sim chamar a atenção do estudante e do professor de espanhol para pequenos detalhes que muitas vezes podem passar despercebidos. O uso dos pronomes pessoais em português apresenta diferenças significativas se relacionado ao espanhol e, como sabemos que a transferência da LM constitui uma estratégia de aprendizagem de qualquer estudante de LE, é natural que falantes de português baseiem-se em sua língua para comunicar-se em espanhol. Tal recurso ainda é corroborado pela semelhança entre os dois idiomas, ou seja, como há muitas áreas parecidas em ambos, seja no campo léxico, sintático etc., o estudante faz uso deste conhecimento prévio – sua língua – para comunicar-se. No entanto, apesar de que em muitas ocasiões tal recurso possa apresentar resultados positivos, há ocasiões em que isso não ocorre, como nos exemplos aqui apresentados. Portanto, é necessária uma mudança de postura com relação ao aprendizado e ao ensino do espanhol como LE. Como tal, esse idioma deve ser estudado como qualquer outro ou, porque não, até com mais afinco, uma vez que, por ser parecido ao português, algumas de suas particularidades podem ser quase imperceptíveis.

³³ Tradução: “Isso é o professor de inglês”. Note-se o equívoco que tal uso pode causar à comunicação.

5 Referências Bibliográficas

- CORDER, S. P. 1967. La importancia de los errores del que aprende una lengua segunda. In: J. LICERAS. 1992. *La adquisición de las lenguas extranjeras*. Madri: Visor.
- CORDER, S. P. 1971. Dialectos idiosincrásicos y análisis de errores. In: J. LICERAS. 1992. *La adquisición de las lenguas extranjeras*. Madri: Visor.
- CUNHA, C. & L. CINTRA. 1985. *Nova gramática do português contemporâneo*. São Paulo: Editora Nova Fronteira.
- DURÃO, A. B. A. B. 1999. *Análisis de errores e Interlengua de brasileños aprendices de Español y de españoles aprendices del Portugués*. Londrina: Editora da UEL.
- DURÃO, A. B. A. B. 2001. Erros gramaticais frequentes na produção escrita de luso-falantes aprendizes de espanhol. In: *Anais do V Encontro de Professores de Línguas e Literaturas Estrangeiras – I Internacional*. Assis: Editora da UNESP, pp. 152-156.
- FERNÁNDEZ, S. 1997. *Interlengua y análisis de errores en el aprendizaje del español como lengua extranjera*. Madri: Edelsa.
- FRIES, C. 1945. *Teaching and learning English as a foreign language*. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- GALVES, C. 1997. A sintaxe do Português Brasileiro. In: *Ensaio de Linguística*. Belo Horizonte.
- GARGALLO, I. S. 1993. *Análisis Contrastivo, Análisis de errores e Interlengua en el marco de la Lingüística Contrastiva*. Madri: Síntesis.
- GONZALEZ, N. T. M. 1994. *Cadê o pronome? O gato comeu. Os pronomes pessoais na aquisição/aprendizagem do espanhol por brasileiros adultos*. Tese de Doutorado. DL/FFLCH-USP.
- GONZÁLEZ, N. T. M & M. Z. M. KULIKOWSKI. 1999. Español para brasileños. Sobre por dónde determinar la justa medida de una cercanía. In: *Anuario brasileño de estudios hispánicos*. São Paulo, ABEH, pp.11-18.
- HERMOSO, A. G. et al. 2005. *Gramática de español lengua extranjera*. Madri: Edelsa.
- LADO, R. 1957. *Lingüística contrastiva. Lenguas y culturas*. Madri: Ediciones Alcalá.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. 1979. *Esbozo de una nueva Gramática de la lengua española*. Madri: Espasa-Calpe.
- VEZ JEREMÍAS, J. M. 1984. *Claves para la Lingüística Aplicada*. Málaga: Ágora.